

710467

LEY CCI 235

1

SIST. 59217

- 1- Reinaldo Moura
- 2- Recorte
- 3- Correio do Povo
- 4- Cronica sobre a insonia e recordações
- 5- Porto Alegre
- 6- 28 de outubro de 1948
- 7- número 24
- 8- seção - Arte e Literatura
- 9- bom
- 10- Amélia Ester
- 11- 23 de março de 1994

Recorte

(Especial para o Correio do Povo - Reinaldo Moura)

Insonia.

Chegara o estio. Mas algumas noites ainda eram frias. Como é bom a gente se encolher sob as cobertas , imobilizar- se e escutar ! E pensar o mundo , as coisas que lá fora ...

Estava caminhando para o mar (ha dois , tres anos fôra esse veraneio no Atlantico ?) estava caminhando para o mar, os pés rangendo na branca areia da praia . O halito sadio da manhã vinha ao seu encontro num impalpavel diluvio , de azul e de luz imobilizada numa concha infinita . Teve um impeto e começou a correr (estava agora repetindo tudo minuciosamente na memoria) começou a correr, a correr involuntariamente suspendendo no alto , com os braços já tismados de sol e vento , flutuador branco. E

bruscamente parou. Ficou olhando o mar que pulsava , apraia sem limites nas retinas imensas , a claridade dançando em blocos na rija atmosfera do vento claro e lucido. Olhava com a sensação de ver as superfícies das coisas com os olhos que as varassem e , então nada mais pudessem captar para além dessa ilusoria fonteira senão a ligeira náusea de um branco universo ainda increado. O pensamento repentino fizera-o estacar , levemente ofegante. Se analisava: porque esse impeto diante do mar, da luz suspensa , do bramido eterno dessa garganta em carne viva do cósmos ? Porque ? ... Porque erguera a bola branca nos braços tostados sentira uma luz nova se inflamar na lucidez das retinas , um espasmo de gozo repentino na boca entreaberta , como a boca de um ser ofegante ? Não era a cor distante , o azul novo do mar arfando , a vitamina misteriosa do momento que haviam argido sobre suas molas de boneco e o obrigado a correr e a respirar uma instantanea felicidade ?

Estava recordando . Procurava um momento de Elka na praia , e a visão nitida chegara galopeando . Depois se dissipou.

Cerrar as palpebras e deixar que o pensamento flutue , involuntario , em torno das coisas. E a primeira noite depois da chegada da carta. E a imaginação de Umberto ronda em torno do enigma.

Lentamente , lentamente, ao longo de caminhos abstratos numa paisagem de sombra que sempre nos aparece diferente, ele vai sendo levado. Uma onda mais leve. Outra , subito, densa e poderosa. E de repente na sua memoria uma claridade livida. As duas sombras ao luar. Os vultos no recanto , ao lado da alameda , ha tanto tempo !

A recordação toma outro rumo.

Estava em casa de Eleonora Franco. Uma noite de verão Por um momento a visão do jardim descendo pela encosta , em varios planos. Paredes verde-escuras de bruxos. Longe , a noite na enseada, o espelho imenso , a escuridão azul e brilhante; as pupilas vermelhas de dois farois à entrada do canal. Reflexos em zig-zag, liquidos.
